

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO CONCEITUAL DO ALUNADO EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Martamiria Delmiro dos Santos Ferreira ¹

INTRODUÇÃO

Por ser um espaço privilegiado para compartilharmos conhecimentos construídos pela humanidade ao longo da história, a escola deve ser um local de indagações, questionamentos, perguntas e descobertas. No entanto, muitas vezes as curiosidades e inquietações dos alunos não são atendidas, nem respondidas. É fato que, no Brasil, em várias salas de aula, não há espaço para discussões sobre os fenômenos, mas apenas realização de atividades operacionais (CARVALHO e GIL-PÉREZ, 2001). O estudante da atualidade precisa ser capaz de pensar de forma crítica e autônoma, ser criativo, com competências colaborativas, com capacidade de comunicação e com uma atuação protagonista.

Valente (2015), afirma que se observamos os vários segmentos da nossa sociedade perceberemos avanços e transformações que tem como foco a autonomia. E, que uma das principais alavancas dessa transformação são as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). A exemplo, a autora lembra que no caso do sistema bancário a 30 anos o cliente de um banco era totalmente dependente e vinculado a apenas uma agência, se atravessasse a rua e fosse para uma outra agência do mesmo banco, seria totalmente desconhecido pois suas informações estavam detidas em sua agência de origem. Hoje com a informatização o cliente não só consegue ser reconhecido em qualquer agência, como também realizar transações de sua própria casa. Com essa ação as agências bancárias não deixaram de existir, muito pelo contrário, elas continuam existindo só que com uma função diferente. O mesmo acontece com outros serviços como comércio, lojas, supermercados. Todas essas transformações fizeram com que o foco nas atividades, que anteriormente estavam nos agentes que proviam esses serviços, passassem para os usuários. Atualmente, não conseguimos imaginar esses serviços voltando a funcionar como a 30 anos.

A verdade é que não se pode negar a importância das TDIC e dos ambientes que elas nos proporcionam. Sem dúvida são ferramentas que impactam a todos, seja pela sua presença, seja por sua ausência. Por isso, se diz que a sociedade da informação e comunicação é, simultaneamente, includente e excludente. Includente na medida em que permite a participação de qualquer indivíduo, desde que munido dos dispositivos necessários e conectado. Excludente, porque, sem dispositivo e sem essa conexão, permanecerá à margem dela. Da mesma forma que milhões de pessoas ao redor do mundo fazem parte da sociedade da informação e da comunicação, outros tantos estão fora dela. A exclusão digital está, por muitas vezes, relacionada aos grupos mais carenciados economicamente.

Um dos segmentos da sociedade brasileira que tem sentido o impacto da ‘ausência’ das TDIC é a educação. Quando pensamos nas escolas do campo, a situação ainda é mais complexa. Há uma negação do direito a educação igualitária e de qualidade, assim como o acesso a ferramentas tecnológicas para os estudantes de escolas do campo que comumente apresentam estrutura física precária sem oferta de recursos tecnológicos. Os currículos dessas escolas, geralmente, têm dado ênfase aos limites geográficos e culturais da cidade, negando-se a reconhecer o campo como um espaço social e de constituição de identidades e sujeitos. O GPTE (2005) reforça essa argumentação quando afirmam que essa concepção de que o meio rural é um espaço de atraso foi fortalecida a partir da primeira metade do século XX, com o surgimento

¹ Professora da Educação Básica - Prefeitura da Vitória de Sº Antão- PE, martamiria.santos@gmail.com

de um discurso modernizador e urbanizador, que enfatizava a fusão entre os dois espaços, urbano e rural, por acreditar que o desenvolvimento industrial, em curso no Brasil, faria desaparecer dentro de algumas décadas a sociedade rural. “Segundo a ideologia da modernização, o campo é uma divisão sociocultural a ser superada, e não mantida” (BRASIL, 2005, p.8).

Uma educação do campo requer o reconhecimento de que a cidade não é superior ao campo e, a partir dessa compreensão, impor novas relações baseadas na horizontalidade e solidariedade entre campo e cidade. O campo é, acima de tudo, espaço de cultura singular, rico e diverso. Assim, é importante a superação da dicotomia entre o rural e o urbano (Arroyo, Caldart e Molina 2004).

Portanto, considerando a importância da adoção de uma postura em busca de uma educação de qualidade no campo, com uma proposta pedagógica em que o estudante seja protagonista e aprenda através de atividades que os levem a solucionar problemas, investigar, construir e dar significado ao mundo, onde o professor se torne orientador, mediador e facilitador, que planeje as aulas, fazendo uso de tecnologias educacionais que possam melhorar a aprendizagem dos estudantes ou facilitar a gestão da sala de aula, procuramos propor espaços e vivências de aprendizagens no ‘chão’ da nossa escola com um ‘layout’ mais interativo e colaborativo. Contamos com a parceria do Núcleo de Tecnologia do Município de Vitória de Santo Antão (NTM) que acompanha o dia-a-dia da nossa escola e proporciona momentos de formação, e da Fundação Telefônica VIVO com o projeto ‘Escolas Rurais Conectadas’.

Foi elaborada uma Sequência Didática intitulada “Conhecendo o nosso solo”. Esse tema já havia despertado a curiosidade dos alunos desde a construção de uma Horta que fizemos em nossa escola. Os objetivos foram: Perceber-se como protagonista na história, valorizando o lugar onde mora; Desenvolver uma postura autônoma e colaborativa nas aulas; Apropriar-se dos conceitos científicos do tema em estudo; Relacionar conceitos científicos estudados a situações do dia a dia.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A experiência docente descrita nesse relato foi vivenciada na Escola Municipal Constâncio Maranhão, localizada em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, em uma turma Multisseriada. Participamos do Projeto da Fundação Telefônica Vivo “Escolas Rurais Conectadas”, que disponibilizou para nossa escola alguns notebooks e conexão com a Internet. A sequência didática foi realizada em 6 etapas.

DESENVOLVIMENTO

Na primeira etapa iniciamos a aula com uma conversa dirigida sobre a data comemorativa do dia 15 de abril: Dia Nacional da Conservação do solo. Uma data muito significativa para todos os sujeitos do Campo. Seguimos com um momento de levantamento de conhecimentos prévios e hipóteses sobre o tema. Todos os conhecimentos e hipóteses foram registrados em um mural que ficou exposto na sala. Esse mural teve duas partes, a primeira com o título “O que sabemos”, onde foram registradas as primeiras falas dos alunos, seus conhecimentos prévios e suas hipóteses, e a outra parte com o título “O que aprendemos”, que será preenchida no decorrer da sequência didática. Em seguida, exibimos o vídeo ‘Aprenda mais sobre o solo’ (<https://www.embrapa.br/contando-ciencia/solos>). Depois fizemos uma roda de conversa para discutir a agricultura familiar, para que os alunos compreendessem o quanto é importante o trabalho que seus pais desenvolvem em suas plantações e a relação que o campo tem com o urbano, pois solos férteis são a fundação da nossa sociedade moderna. O objetivo neste momento foi que os alunos tivessem orgulho por fazerem parte do campo!

Comunicamos que iríamos visitar uma plantação próxima a escola, de propriedade do pai de um aluno da nossa turma, e que estaríamos entrevistando o agricultor responsável por essa plantação. Fizemos um estudo sobre o gênero textual entrevista (função, veiculação, características e estrutura) com pesquisas na internet e com a exibição do vídeo ‘Mônica Toy – Entrevista’ (<https://www.youtube.com/watch?v=8tWPCFaQe-Q>). Depois, coletivamente, os alunos elaboraram um roteiro de entrevista, com questionamentos e curiosidades, para nortear a entrevista que fariam no dia da visita à plantação.

A segunda etapa da sequência, foi um dia muito especial para a nossa escola, pois com a proposta de realizar um intercâmbio entre escolas do campo, recebemos a visita da Escola Caricé de Tabocas, também localizada na Zona Rural da mesma cidade. Essa visita partiu de uma iniciativa do Núcleo de Tecnologia Municipal Educacional de Vitória de Santo Antão (NTM). O Objetivo era promover uma troca de experiências entre os alunos e os professores, mediante socialização de práticas pedagógicas vivenciadas nas instituições escolares, com uso de recursos tecnológicos, de modo a fortalecer a Educação do Campo desta cidade por meio da interação entre as escolas.

Iniciamos essa etapa com uma palavra de bem-vindos para os alunos da escola visitante. Retomamos a conversa dirigida sobre a data comemorativa do dia 15 de abril: Dia Nacional da Conservação do Solo, para situar os alunos visitantes no tema em que a turma local estava vivenciando. Seguimos com um momento de levantamento de conhecimentos prévios e hipóteses sobre o tema da turma visitante e deixamos registrado no nosso cartaz. Exibimos o vídeo que aborda conceitos sobre o solo: ‘A importância do solo como recurso para uma vida mais sustentável’ (<https://www.youtube.com/watch?v=9Nqgxd0JwV0>). Seguimos com a leitura do livro “Timóteo: O tatu egoísta” de Carla Moreira e Sandra Alves, Editora Bagaço. Após a leitura fizemos perguntas sobre informações do texto e perguntas a partir da leitura como: Quem já viu um tatu? E uma toca de tatu? Como você acha que é uma toca de tatu? Que animais poderiam ir de fato para a festa do tatu? Neste momento, a partir das respostas realizamos as intervenções necessárias para que os alunos percebam que o solo é fundamental como habitat e fonte de alimentação de diversas espécies de animais. Ainda, a partir da leitura propomos a realização de três oficinas. As oficinas foram mediadas por professores e integrantes da equipe do NTM. Os próprios alunos puderam seguir a proposta de cada oficina, pois foi disponibilizado no material um roteiro das atividades que eles poderiam realizar, os mediadores acompanharam e fizeram as intervenções nos momentos necessários. Nas oficinas em que não havia nenhum aluno leitor, como na oficina da Educação Infantil, o mediador fez o papel do leitor. As oficinas aconteceram de forma simultânea.

✓ 1ª Oficina: ‘Minhocas: Bichinhos importantes no jardim’

Foi exibido o vídeo ‘Peixonauta: O caso do jardim sem flores’ (https://www.youtube.com/watch?v=Md_fw-1P5Y). Após o vídeo tivemos uma conversa dirigida sobre o solo partindo da pergunta ‘O que existe embaixo do chão em que pisamos?’ Os alunos puderam se expressar a partir de seus conhecimentos prévios e do vídeo sobre alguns elementos que compõem o solo – pedras, tipos de plantas, gravetos, restos de animais, raízes, sementes, terra etc. Em seguida os alunos brincaram com o game ‘Jardim da Dora’ (<http://www.mrjogos.com.br/jogo/o-jardim-da-dora.jsp>), em que é preciso semear, regar e fertilizar uma plantação. Depois foi impresso a imagem que cada aluno capturou do jogo, utilizando o recurso ‘print’ (disponibilizado pelo próprio jogo). A proposta seguinte foi os alunos colorirem, a imagem que capturaram, com a tinta fabricada pela oficina 2.

✓ 2ª Oficina: Pintando com Solos

Iniciamos conversando sobre uma característica importante do solo que é a sua cor, pois a cor serve para identificar o tipo de solo. Neste momento os alunos puderam manusear as amostras de alguns solos para observar as cores. Explicamos que a tonalidade de cada amostra está relacionada ao tipo de rocha e ao processo de erosão. Os alunos receberam um texto sobre

como produzir pigmentos com o solo. Depois da leitura, escolheram um tipo de solo e produziram um pigmento.

Depois, os alunos puderam acessar o aplicativo Floresta Sem Fim, da Faber-Castell, disponível gratuitamente no Google Play (<https://goo.gl/Sg2pg4>). É um APP que trabalha com a realidade aumentada, onde diferentes animais da fauna brasileira, ganham uma versão animada, e podem ser pintados à mão via download e compartilhados em fotos, tanto na versão original quanto na customizada. O desenho do animal impresso na turma foi o tatu. Coloriram o desenho com o pigmento que fabricaram. Após a pintura os alunos utilizaram um Tablet para acessar o APP 'Floresta sem Fim', leram uma Ficha Técnica Científica sobre o tatu-galinha por meio do aplicativo, e fizeram com que seu tatu ganhasse uma versão animada.

✓ 3ª Oficina: Tipos de Solo

Nesta oficina os alunos tiveram um desafio. Eles receberam 4 amostras de solo e 4 plaquinhas adesivas em branco. O desafio foi identificar cada tipo de solo. Para isso, os alunos acessaram o site <https://www.estudokids.com.br/o-solo-arenoso-argiloso-calcario-e-humoso>, leram o texto sobre os tipos de solo e relacionaram a leitura com as amostras que receberam, identificando por escrito cada amostra. Depois, prepararam uma apresentação de slides no PowerPoint com imagens dos tipos de solo, que tiveram que pesquisar na internet, e uma breve síntese do assunto a partir da leitura realizada. A produção foi coletiva e quem liderou o grupo foi um aluno do 5º ano que, por já conhecer as ferramentas do programa, foi mostrando o passo a passo para construir uma apresentação no PowerPoint aos colegas da escola visitante. Para que toda equipe visualizasse todo o processo e participasse de forma mais interativa na construção dos slides, utilizamos a lousa digital para projetar a tela do notebook.

Concluída as três oficinas tivemos um momento de socialização das produções, onde a equipe de cada oficina compartilhou todo conhecimento construído.

Na terceira etapa, retomamos a conversa sobre o solo para sistematizar os conhecimentos construídos. Iniciamos o preenchimento da segunda parte do mural que foi exposto no início da sequência. Os alunos puderam escrever em post-it os conceitos construídos até essa etapa e fixaram no mural. Em seguida, nos organizamos para nossa aula extraclasse, visitar uma plantação que fica próxima à nossa escola. Revisamos o roteiro de entrevista para recordar as perguntas e acrescentamos mais algumas, visto que surgiram novas curiosidades depois das oficinas que realizamos com a turma. A plantação era de macaxeira. Apesar da macaxeira ser muito comum para alunos, e, inclusive ser cultivada por alguns pais, eles não sabiam como era o processo do plantio, nem do período necessário para a colheita, também havia muita curiosidade sobre a terra que era utilizada e por quanto o agricultor vendia. Durante a visita os alunos entrevistaram o agricultor responsável pela plantação utilizando celulares para gravar e fotografar a entrevista. Próximo a plantação, também há criação de alguns animais como porcos, ovelhas, bodes, tilápias etc. E, durante a visita fomos surpreendidos por um acontecimento que despertou a curiosidade de todos, a poucas horas havia nascido um cabrito. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer todo o espaço. De forma voluntária o agricultor fez um 'tour' conosco pelo sítio explicando sobre os animais e as plantações, pois havia o cultivo também do milho, coco, etc. De volta a sala, a partir da entrevista, construímos coletivamente um infográfico com informações sobre a macaxeira. Utilizamos um layout do Editor 'Canva' para criar o infográfico. Imprimimos e fixamos o infográfico no mural, na parte em que indicava os novos conhecimentos.

A quarta etapa foi iniciada com a leiturização do conto "Se a terra não existisse, a gente pisava onde?" de Ricardo Azevedo (<https://novaescola.org.br>). A partir da leitura, retomamos a discussão sobre a importância da conservação do solo para a nossa sobrevivência. Em seguida os alunos puderam acessar os notebooks e brincar com um jogo 'Quiz' criado pela professora com o nome "Escrevendo com o solo". As alternativas desse jogo tiveram como objetivo refletir sobre o Sistema de Escrita Alfabética. E, também puderam acessar no tablet o APP

“Tatu bola”, disponível gratuitamente no Google Play. O objetivo desse jogo é trabalhar a matemática de forma divertida.

Iniciamos a quinta etapa com uma roda de conversa sobre a utilidade do solo para além da agricultura, sua utilização como matéria prima na manufatura de vários produtos. Falamos sobre a argila, popularmente chamada de barro, utilizada na confecção de utensílios. Exibimos os vídeos ‘Panela de barro’ (<https://www.youtube.com/watch?v=5qzJalD2TZA>) e ‘Casa Museu Mestre Vitalino’ (<https://www.youtube.com/watch?v=VdRsK7niAZA>). Explicamos sobre a arte Naif, que é referente a artistas como o Mestre Vitalino, e tantos outros, que são autodidatas. Mostramos aos alunos uma peça de barro produzida por Severino Vitalino e fotos da visita da professora ao Museu Mestre Vitalino. Foi feita uma oficina com uma produção dos alunos utilizando a argila. Eles acessaram a internet e assistiram alguns vídeos tutoriais que mostravam como utilizar a argila para construir peças de barro. Receberam a argila e cada um produziu sua peça. Deixamos as peças exposta na escola.

Na última etapa, iniciamos com a conclusão do nosso mural. Todos os conceitos construídos durante a sequência foram escritos e fixados em nosso mural. Em seguida iniciamos o nosso produto final, um boletim informativo utilizando um design disponibilizado pelo programa Word. Explicamos sobre o gênero em questão (Função, características e estrutura). Os alunos foram organizados em duplas, e cada uma foi responsável por um texto do boletim informativo. Uma dupla escreveu sobre o dia do intercâmbio, outra escreveu sobre a aula extraclasse no sítio, etc. Depois de concluído o boletim, compartilhamos com toda a comunidade escolar e com o NTM, utilizando a plataforma Google Docs e o Whatsapp, para que a escrita dos alunos tivesse leitores reais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paulo Freire, em seu texto “A Escola”, afirma que este espaço não se trata só de prédios, salas, quadros, horários, conceitos, mas a Escola é sobretudo, gente que trabalha, que estuda, que alegra, se conhece, se estima. Parafraseando, podemos dizer que a Escola é um espaço de troca de conhecimentos, cooperação, compartilhamento entre os pares, busca por resposta às curiosidades, descobertas, um lugar de fazer amigos e cultivar cada dia mais as amizades. Foi sob esta perspectiva que a nossa sequência didática aconteceu. Foi um trabalho num espaço colaborativo!!! E não me refiro apenas ao espaço físico, mas ao que vai além dele, a cooperação entre os pares, onde os envolvidos começaram a interessar-se sobre o trabalho dos demais, percebendo que todos estavam fazendo parte do mesmo processo em busca de um mesmo resultado. José Moran (2015) diz que as tecnologias digitais permitem conectar os espaços adaptando cada situação, aos que são mais proativos e aos que são mais passivos, aos muito rápidos e aos mais lentos, aos que precisam de muita tutoria e acompanhamento e aos que sabem aprender sozinho. Então, o primeiro resultado que destaco é o desenvolvimento de uma postura colaborativa que permeou todo o período. Os alunos começaram a trabalhar tendo uma visão mais compartilhada, abrindo mão de interesses individuais. Por muitas vezes, os alunos deixavam sua atividade para cooperar com o outro, pois compreendiam que estávamos trabalhando para o mesmo fim. Lilian Bacich, Adolfo Neto e Fernando Trevisani (2015), afirmam que a cooperação potencializa a interação e a melhora o clima entre os alunos, que farão suas atividades mais motivados, o que maximiza seu poder criativo.

Também destacamos como resultado o desenvolvimento de uma postura mais autônoma nas aulas. Com o decorrer das atividades os alunos passaram a desenvolver as atividades com mais autonomia e segurança. Algumas atividades foram realizadas com pouquíssima intervenção. Observei que a turma em muitos momentos quase não apresentou dificuldade em gerenciar seu aprendizado. No dia em que realizamos as oficinas, eles se depararam com o desafio de consultar um roteiro explicativo para realização da tarefa. Mesmo com mediadores adultos nos

grupos, eles tiveram que realizar muitas tarefas com autonomia. Isso fez com que nas demais etapas essa segurança e autonomia ampliasse. Além disso, os alunos passaram a dialogar mais com seus pares, ou seja, passaram a dividir suas dúvidas e seus conhecimentos com os demais alunos. Isso favoreceu a construção de parceria entre eles.

Percebemos também como resultado o interesse e empenho na realização das atividades. Demonstraram isso ao perguntar, ao falar, ao justificar suas ideias, ao buscar respostas as suas perguntas, ao nos comunicar como relataram os novos conhecimentos em casa e a procura para saber qual seria o próximo dia que daríamos continuidade as atividades. Mesmo os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, demonstraram total interesse, e buscaram superar suas limitações participando com esforço e empolgação. Para Borba (2013), a utilização dos recursos tecnológicos mediando o processo ensino aprendizagem pode se tornar uma vantagem quando estes são bem escolhidos para que possam motivar o aprendizado do aluno.

Destacamos também a apropriação dos conceitos científicos. No decorrer da sequência, em diversas situações, pudemos observar a apropriação dos conceitos científicos, e no momento de sistematizar os conhecimentos construídos para colocar em nosso mural. Bizzo (2007) escreve que os conceitos devem ser entendidos dentro de seu contexto e compreendidos para serem utilizados de maneira correta. O autor ainda diz que mesmo que trabalhado em sala de forma simplificada o aprendizado desses conceitos são indispensáveis para a compreensão dos fenômenos.

Outro aspecto foi a relação do conteúdo com o dia a dia. Muitos relatos orais revelaram que os alunos conseguiram relacionar os conceitos estudados com diversas situações em seu cotidiano. Os alunos passaram a observar o solo onde suas casas estavam localizadas, tiveram um outro olhar para o artesanato em barro que é vendido próximo ao lugar onde moram. Tivemos a oportunidade de fazer uma excursão depois desse projeto, e foi muito interessante ver como no decorrer do caminho os alunos observavam e comentavam sobre o relevo e os tipos de solo que estavam vendo. Reconhecer de forma real os conhecimentos científicos no seu dia a dia é em nossa concepção uma possibilidade de compreender o mundo que nos cerca e também transferir e ampliar os conhecimentos construídos na sala de aula para além da escola.

A avaliação aconteceu durante todo o processo para observar: a apropriação dos conceitos discutidos, as hipóteses levantadas e como analisavam as mesmas após as discussões em classe, a participação de cada estudante nas tarefas individuais e coletivas, assim como, o empenho e envolvimento nas atividades em grupo. Para tanto utilizamos como instrumentos de avaliação: conversas dirigidas, buscando fazer com que os alunos revelem oralmente o que aprenderam; atividade escrita com consulta para que os alunos demonstrassem os seus conhecimentos sobre o conteúdo em que estava sendo objeto de avaliação, e ainda, a sua capacidade de pesquisar, de buscar a resposta correta e relevante a partir do que foi estudado; trabalho em grupo para avaliar a capacidade de organizar as informações e expressá-las em público, e ainda, o empenho e envolvimento na apresentação; e, registros do acompanhamento das aprendizagens dos alunos, para observar os avanços e as dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao término do nosso trabalho com a certeza de termos alcançado nossos objetivos. O desafio é grande, mas o prazer de desenvolver um trabalho utilizando as TDIC como ferramenta pedagógica em uma escola do campo, reside na possibilidade de criar um ambiente prazeroso de aprendizagem, com alunos motivados e participativos.

Palavras-chave: Tecnologia, Educação do Campo, Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Melo. Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação – Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. Referência para uma política nacional de Educação do Campo. Caderno de subsídios, Brasília, DF, 2005.
- BIZZO, Nélio. Ciências: Fácil ou difícil? 2ª Edição, São Paulo – SP: Ática, 2007.
- BORBA, Sara Ingrid. As Tecnologias nas Escolas do Campo – Uma questão de direito a cidadania. João Pessoa/PB. UFPB, 2013.
- CARVALHO, A.M.P. e GIL-PÉREZ, D. Formação de Professores de Ciências –Tendências e Inovações. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Primeira Conferência Nacional ‘Por uma educação básica do campo’: texto preparatório. In ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Monica Castagna. Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LEITE, Sérgio Celani. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.
- MORAN, José. Educação Híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.
- MORAN, José M. Novos desafios na educação – a Internet na educação presencial e virtual. In: PORTO, Tania M. E. (Org.) Saberes e linguagens de educação e comunicação. Pelotas: Editora e Gráfica da Universidade Federal de Pelotas, 2001.
- VALENTE, José Armando. O ensino Híbrido veio para ficar. In Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.
- FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. Inova escola: práticas para quem quer inovar na educação. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo, 2016. 139p., recurso digital.
- Referências para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios coordenação: Marise Nogueira Ramos, Telma Maria Moreira, Clarice Aparecida dos Santos. – Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004.
- <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>